

Marcas & Negócios

KARISMA FLORES

Técnica, amor e dedicação

Há mais de três décadas, uma floricultura de Brasília atende todo o DF, destacando-se pelo conhecimento profundo sobre as flores. Sob a direção do artista floral Joaquim Santos, a Karisma Flores se consolidou na Asa Norte (CLN 309) como referência em arranjos produzidos com flores naturais. Com ampla técnica, adquirida em mais de 40 cursos, cuidado e atenção aos detalhes, a floricultura está entre as melhores da região.

Antes da Karisma Flores, o início da vida profissional de Joaquim foi marcado por desafios e perseverança. Ele chegou na cidade em 1980, aos 13 anos, e começou trabalhando como faxineiro em um prédio. Três anos depois, aos 16, foi promovido a porteiro. Aos 18, após conquistar a habilitação, passou a atuar na entrega de flores, experiência que despertou a vocação para o ramo. Dois anos depois, decidiu investir exclusivamente na floricultura, dando início ao negócio que se tornaria referência ao longo do tempo.

O contato diário com o produto, os clientes e a rotina de entregas se somaram às memórias afetivas da infância ao lado do pai, na fazenda, onde nasceu sua sensibilidade e paixão por essas plantas. “Eu sempre o acompanhava. Lá eu via as flores e ficava encantado: as da roça, as flores da melancia, da abóbora... Sempre fui muito apaixonada por flores”, recorda. Além disso, Joaquim assinala

Arquivo Pessoal



Joaquim Santos, proprietário da Karisma Flores.

que tem uma sensibilidade muito grande. “Cada flor que eu pego me transmite uma sensação diferente. Quando é uma orquídea, é como se eu estivesse segurando um bebê,

uma criança. Já uma flor tropical desperta outra sensação”, complementa o empresário.

Ao adentrar na área, o empreendedor teve a oportunidade

de ir a Holambra, em São Paulo, e participar de um leilão de flores para entender como tudo funcionava. O município paulista é considerado a Capital Nacional das Flores. De acordo com a Confederação Nacional de Municípios (CNM), a região é responsável por 40% do comércio nacional e 75% das exportações brasileiras de flores e plantas.

“Durante a minha trajetória, que não foi fácil, fiz 35 cursos em Holambra e na faculdade de Arte Floral da Universidade Iberoamericana, na Argentina. Também ministrei mais de 200 cursos em feiras nacionais e em vários atacadistas, além de parcerias com o Senac-DF, o Sebrae-DF e a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Fecomércio-DF). Tive participação na Copa Centro-Oeste de Arte Floral e na Copa Nacional de Arte Floral. Realizo, ainda, treinamento em diversas igrejas em arte floral e em várias lojas de plantas”, acrescenta.

Resiliência

A decisão de Joaquim de sair do Nordeste para vir a Brasília surgiu a partir de um ato de coragem. Ele lembra que, no início, enfrentou dificuldades. “Minha irmã morava em Brasília e eu vim para trabalhar, mas não era só isso: eu precisava mandar dinheiro para o meu pai. Esse foi o combinado. Então, sempre sozinha, porque eu ajudava minha família”, relembra.

No início, quando era faxineiro, Joaquim não tinha condições de alugar um espaço para morar. Então, residia no local em que trabalhava. “Conversei com o síndico e pedi para ficar ali por uns seis meses, até conseguir juntar um dinheiro e arrumar um local”, comenta.

No entanto, após uma nova eleição no prédio, a nova síndica não permitiu que Joaquim ficasse no local. “Quando saí pela garagem, olhei e falei comigo mesmo: ‘eu vou comprar um apartamento aqui’. Eu não tinha condição nem de alugar um lugar para ficar, mas guardei isso na cabeça”, complementa.

Ele trabalhou por anos economizando cada valor que conseguia, mesmo que fosse apenas um ou dois reais, e aproveitava o tempo livre para ajudar em obras, reforçando seu objetivo de adquirir um apartamento. Após oito anos de esforço, conseguiu comprar o imóvel à vista e instalar sua empresa nele, considerando a conquista um marco pessoal e uma grande vitória.

Nessa trajetória, Joaquim traz consigo a alegria de ter ao seu lado a esposa, Lúcia Santos. “Dividimos tanto as dificuldades quanto as vitórias, sempre juntos. Eu ficava mais na parte de ornamentação, na oficina, e também cuidava da administração da empresa. Ela era responsável pelas compras. Infelizmente, há cinco anos, ela sofreu um AVC e precisou parar as atividades na empresa. Hoje, ela fica mais em casa”, conta.

Três perguntas para

Joaquim Santos, proprietário da Karisma Flores

Como garantir qualidade num produto tão frágil?

A técnica aprendida de hidratar e cuidar das flores e a experiência de tantos anos em escolher o melhor produto para sempre oferecer o melhor aos meus clientes.

Qual parte do trabalho o cliente nunca imagina?

Levantar antes das 5h, receber as flores que vêm de Holambra, Distrito Federal e Entorno, limpar o excesso de folhas, uma a uma, hidratar, usar conservante natural e deixá-las descansando na câmara fria na temperatura adequada. E o mais importante: o carinho e o amor pelas flores, porque elas sentem!

Como imagina o futuro da loja?

Vendendo para todo o Brasil, com qualidade e eficiência nas entregas, procurando sempre manter a pontualidade e qualidade dos produtos oferecidos, afinal, estamos no ranking das três melhores floriculturas de Brasília. E, meu maior orgulho é poder ver que meus filhos têm o mesmo amor que eu tenho pelas flores, mantendo vivo esse negócio que construí com tanto suor e dedicação.



Aluna do Sagrado Coração de Maria, na Asa Norte, vive imersão de três semanas na Colômbia e conta detalhes da aventura internacional. Além de estudar línguas, Júlia Huber teve a oportunidade de expandir sua cultura

O valor do intercâmbio escolar

» SOFIA SELLANI*

“É importante para ela sair e voar sozinha”, afirma Fábio Costa ao falar sobre a filha, Júlia Huber. Aos 16 anos, a aluna do colégio Sagrado Coração de Maria, na unidade da Asa Norte, embarcou para o Intercâmbio Rede Sagrado, onde ficou por três semanas em Barranquilla, na Colômbia. De volta a Brasília, Júlia trouxe na bagagem vivências que foram desde a rotina em uma casa de família, até a imersão acadêmica e turística na cidade colombiana.

O passaporte para a aventura exigiu dedicação. Para o processo seletivo, precisou realizar uma prova de proficiência em inglês, dividida em etapas escrita e oral (a escola em que ela foi era bilíngue). O objetivo da iniciativa é promover a integração entre as unidades da Rede Sagrado ao redor do mundo, fazendo com que os estudantes além de mais independentes, se tornem “cidadãos globais”, preparando-os para mergulharem em novos desafios. Ou seja, na Colômbia, a intercambista frequentava a unidade Marymount School Barranquilla, com aulas em espanhol e inglês.

No Brasil, as quatro escolas da rede Sagrado, presentes em Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, enviaram ao todo cinco alunos para a filial internacional, permitindo que jovens como Júlia vivenciassem o dia a dia de outros países sob o amparo da mesma filosofia educacional. Como os intercambistas continuam frequentando as aulas normais, não ganham falta nem são prejudicados ao retornar.

Júlia diz se identificar com o mundo da arte e moda. Ela destaca que, além da grade de aulas normais, participava de cursos diferentes que a escola proporcionava, como o de costura e o de pulseiras.

Bruna Gaston CB/DA Press



A estudante voltou cheia de projetos depois do intercâmbio internacional

Acolhimento

A hospitalidade é o pilar do programa: os estudantes são “adotados” por famílias vinculadas à escola do local, ou seja, que também têm alunos da rede Sagrado. Júlia, aluna do 2º ano do ensino médio, foi recebida por um núcleo composto pela mãe, uma filha (também aluna da instituição) e uma babá. “Fui muito bem recebida”, conta a jovem, destacando que o apoio dos anfitriões foi fundamental para sua adaptação. Nas sextas-feiras, os passeios

históricos e culturais eram os favoritos da brasileira. “O melhor foi quando conhecemos alguns dos monumentos, especialmente o Ventana Al Mundo, torre colorida bem grande e o Ventana de Campeonos, monumento que tinha o formato de uma barbatana de tubarão”, lembrou.

Júlia recorda com humor os choques culturais. O que mais a impressionou? A culinária local. “Era uma boa comida, mas todo dia eles comiam ovo”, diverte-se. Apesar do entusiasmo com a viagem, a saudade

de casa foi uma constante: “Tentava ligar todos os dias para contar as novidades para minha família”.

Independência

Embora tivesse domínio do idioma, Júlia percebeu que a prática real é o verdadeiro desafio. “Você acha que sabe falar (espanhol e inglês) bem, mas quando chega e ouve as pessoas na velocidade natural delas, é uma surpresa”, relata sobre a melhora expressiva em seu espanhol. A estudante também destaca que

Acervo pessoal



Júlia ponto turístico Ventana al Mundo, em Barranquilla, na Colômbia

enfrentar desafios sem a companhia e o suporte da irmã gêmea, Laura, foi essencial para o amadurecimento social. Para o pai, Fábio Costa, a jornada foi um aprendizado do início ao fim. Ele reforçou a importância de incentivar a individualidade das duas: “Entendemos que são duas pessoas diferentes, com personalidades e pensamentos próprios, mesmo tendo nascido da mesma barriga.” Essa distinção reflete-se nos hobbies: enquanto Laura dedica-se ao piano, Júlia é adepta do crochê — talento que levou para a Colômbia, onde produziu “lembrancinhas”

artesanais para os novos conhecidos. A aventura internacional da família não termina com o retorno de Júlia. Agora, a casa em Brasília se prepara para receber uma estudante mexicana em abril. O quarto está pronto e a expectativa é alta. “Onde comemos três, comemos quatro ou cinco”, brinca Fábio, resumindo o espírito acolhedor da família que, mesmo sem conhecer a identidade da nova integrante, já está ansiosa pela próxima troca cultural.

* Estagiária sob a supervisão de Ana Sá